

# PARA UMA HISTÓRIA RECENTE DA AMADORA

## ALGUNS TRAÇOS BREVES

POR JOÃO CASTELA CRAVO



Com 23,77 km<sup>2</sup>, a Amadora é um dos concelhos mais pequenos do país, sendo, toda a sua área, considerada urbana. Como cidade é um fenómeno recente, de 25 anos. Anteriormente, a freguesia da Amadora, pertencente ao concelho de Oeiras (em épocas mais recuadas a região fez parte dos concelhos de Lisboa, de Belém e de Sintra), era a maior (em termos populacionais) freguesia da Europa. Hoje, no panorama das cidades portuguesas, a Amadora pertence ao grupo das terceiras em número de habitantes (logo a seguir a Lisboa e ao Porto). Dispõe, actualmente, de dois parques industriais, um, o da Venda Nova, constitui-se a partir da década de 40 (com empresas como, a Sorefame, a Bertrand ou os Laboratórios Vitória), o outro, de formação mais recente, sobretudo a partir dos anos 80, é na Venteira (com empresas como a Siemens, a Canon, etc.). Tem um comércio bastante diversificado, tanto o tradicional como ao nível das grandes superfícies. Começa a estar razoavelmente bem estruturada ao nível dos serviços, salientando-se uma rede educativa bastante vasta, embora ainda carente, em especial nas creches e superior.

Apesar de tudo isto, a Amadora é uma cidade condicionada pela proximidade de Lisboa, sendo a sua história considerada transversal em relação à história da Capital. Chega-se a referir a Amadora como a “cidade sem história”. Contudo a Amadora (como, aliás, qualquer outra localidade) tem uma história rica, estruturante do seu próprio presente.

Não cabe no âmbito deste texto uma descrição de um passado mais afastado. Mas pode-se referir a existência de vestígios de todo um caminhar humano, desde o Paleolítico até à Amadora rural do Antigo Regime. Já com o Liberalismo e como resultado da política da Regeneração, em 1887, um acontecimento revelou-se marcante para toda a história recente da Amadora – inaugurou-se a linha de Caminho de Ferro de Sintra, com uma estação equidistante das três povoações que estão na origem da Amadora urbana – Venteira, Falagueira e Porcalhota. A estação recebe, nessa altura, o nome da povoação mais populosa – a Porcalhota. Em 1895, instala-se na vizinhança da estação uma fábrica de espartilhos a Vapor, fundada por um comerciante lisboeta, que, entretanto vem viver para a Amadora – José dos Santos Mattos. Era o início de uma relação privilegiada, entre a mão-de-obra da região e a facilidade de transporte

através do caminho-de-ferro, de matérias-primas e produtos transformados.

Outro fenómeno está, nesta altura, a acontecer em Portugal, que irá contribuir para a transformação desta região. Está a haver uma mudança de mentalidade na burguesia portuguesa, mudança essa já ocorrida noutros países há muito tempo. O objectivo dos burgueses (de alguns, pelo menos) deixou de ser a aproximação à nobreza (ordem social, por natureza, de ostentação de riqueza), para se afirmarem como uma classe de reprodução de riqueza (dentro do quadro do Capitalismo Industrial e Financeiro, exposto a partir da Revolução Industrial, iniciada em finais do século XVIII, em Inglaterra). Essa viragem de uma parte da nossa burguesia implicou, mesmo, uma recusa dos locais de veraneio tradicionais do “jet-set” oitocentista. Os finais do século XIX são assim marcados, na Amadora, pela construção de várias casas de campo de uma burguesia jovem,

**AO OLHARMOS PARA OS PRIMEIROS TEMPOS DE CONCELHO, COMO CIDADE, QUASE TUDO ESTAVA POR FAZER. ASSIM, OS ANOS 80 SÃO DE GRANDE AZÁFAMA ESTRUTURAL. UMA CIDADE NASCEU, ESCOLAS, ESPAÇOS VERDES, ESPAÇOS DESPORTIVOS, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, SOBRETUDO UM VERDADEIRO ESPAÇO CÍVICO.**

sobretudo, bastante intelectualizada. Muitos deles acabaram mesmo por aqui constituir residência, em inícios do século XX, contribuindo para o desenvolvimento da zona. Em 1907, numa fase em que as três povoações cada vez estavam mais próximas, a Amadora, nome de uma quinta local, passa a designar toda a região, pondo-se de lado o velho topónimo da Porcalhota, considerado, pelos habitantes, pouco digno.

Os anos que se seguem são de grande desenvolvimento para a Amadora. A fundação da “Liga de Melhoramentos”, os “Recreios Artísticos”, as “Festas da Árvore”, a criação da freguesia da Amadora em 1916, a instalação do “Grupo de Esquadrilhas de Aviação República” e construção do respectivo aeródromo, a inauguração do Parque “Delfim Guimarães”, são marcos de uma evolução urbana de grande qualidade, com equipamentos muitas vezes inovadores, relativamente ao resto do país. Poucas urbes em Portugal se aproximaram tanto da utopia urbana da cidade-jardim.

Esta evolução mantém-se até cerca da década de 40. É precisamente nessa fase que é criado o primeiro parque industrial. A partir daqui há uma viragem sociológica e económica (e mesmo psicológica) na Amadora. O êxodo rural que se iniciava e a necessidade de mão-de-obra para as indústrias recentes, tanto amadorenses como lisboetas,

implicam um forte crescimento e, logicamente, uma pressão urbanística, que provocará uma mudança da imagem urbana.

A partir dos anos 50, começa a construção da imagem da actual Amadora. Intensifica-se um forte êxodo rural e a Amadora transforma-se, pouco a pouco, num dormitório, com uma população flutuante que não permitirá a manutenção de um sentido de vila. É a época em que se inicia a construção da Damaia e em que aparecem as primeiras casas clandestinas na Brandoa. Os anos 60 e 70 acentuam esta situação, cada vez haverá uma maior desclassificação aparecem os primeiros bairros degradados, é a Amadora suburbana, a cidade-dormitório. Sem qualquer urbanidade, longe já iam os tempos da Amadora rural e burguesa do início do século XX, em que habitar na Amadora era um prazer.

A Amadora é concelho e cidade desde 1979, por pressão populacional (de 1950 a 1970, o crescimento demográfico aproximou-se dos 150 %). Desde essa altura cresceu ainda mais, mas, paulatinamente, recriou vida interna, recriou espaços de lazer e de trabalho. O terciário, sobretudo, cresceu a um ritmo bastante elevado.

Ao olharmos para os primeiros tempos de concelho, logo uma questão se torna perceptível – como cidade, quase tudo estava por fazer. Assim, os anos 80 são de grande azáfama estrutural. Uma cidade nasceu, escolas, espaços verdes, espaços desportivos, manifestações culturais, sobretudo um verdadeiro espaço cívico. Paulatinamente a Amadora foi-se requalificando, pese embora as necessidades continuassem a ser muitas. Mas, numa perspectiva de sociologia urbana, uma coisa foi muito importante – os amadorenses sentiram e empenharam-se na construção da cidade.

Com os anos 90, nova transformação. Chegam à Amadora habitantes sem a vivência anterior. Vêm para as novas urbanizações (nesta altura sente-se inclusivamente a necessidade de passar de 8 freguesias para as actuais 11). Trazem com eles experiências extremamente diversificadas e novas exigências, sentindo as transformações como demasiado lentas. Colocam-se novos desafios, sobretudo ao nível dos serviços (saúde, polícia, Tribunal, etc.). Mas este é também o tempo da Amadora, cidade invisível. Completa-se a conurbação com Lisboa e Queluz, a área metropolitana em que a Amadora se insere é cada vez mais complexa. Estrategicamente central na zona norte dessa área, a Amadora assume uma posição fulcral na comunicação. Mas ao fazê-lo perde visibilidade. Em 2001 a Amadora tem perto de 178 000 habitantes, mas muitas mais pessoas passam diariamente pelo seu território. Pessoas que não sendo da Amadora, acabam por ser utentes da cidade. Numa analogia com uma casa, na Amadora dos anos 70, cidade-dormitório, os seus habitantes iam directamente da porta para o quarto. A Amadora de finais dos anos 90 e inícios do século XXI é sobretudo uma cidade-corredor, a sala já existe mas poucos se sentam no sofá!

Este não é um problema que apenas afecte a Amadora. Em todo o mundo as cidades englobadas em grandes conurbações, em especial as que têm situações geo-estratégicas idênticas às da Amadora, sentem-no. O próximo desafio terá que ser o da cidade-convite...